

As Relações dialógicas no gênero entrevista pingue-pongue, do jornalismo de revista¹

Nívea Rohling Silva

Rosângela Hammes Rodrigues

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo apresenta uma análise das relações dialógicas no gênero entrevista pingue-pongue, do jornalismo de revista, e sua função axiológico-discursiva nesse gênero. A fundamentação teórico-metodológica insere-se na teoria do Círculo de Bakhtin. Os dados de pesquisa são compostos por todas as entrevistas pingue-pongues publicadas nas revistas CartaCapital, ISTOÉ e Veja, entre 4 de outubro e 8 de novembro de 2006. Os resultados mostram que se “trava” um diálogo intenso entre os enunciados do gênero entrevista pingue-pongue e os enunciados de diferentes gêneros (resenha, reportagem) que compõem a revista. Ao entrar em dialogização com esses enunciados, as entrevistas assumem tarefa de reafirmar “já-ditos” e de solidificar a posição axiológico-discursiva da empresa jornalística.

Palavras-chave: relações dialógicas; entrevista pingue-pongue; jornalismo; Círculo de Bakhtin.

Abstract: we analyzed the dialogical relations within the genre ping-pong interview, from the magazine journalism, and its axiological-discursive function within this genre. The theoretical-methodological basis inserts itself in the theory proposed by the Bakhtin Circle. The research data is composed of all the ping-pong interviews published in CartaCapital, ISTOÉ and Veja magazines, from October 4th to November 8th, 2006. The results pointed out that an intense dialogue is established between the utterances that belong to the genre ping-pong interview and the utterances that belong to several different genres (review, reporting) that constitute the magazine. When establishing a dialogue with these utterances,

1. Recebido em 31/05/2012. Aprovado em 29/11/12.

the interviews take charge of re-assuring the “alredy-said” and solidifying the axiological-discursive position of the journalistic enterprise.

Keywords: dialogical relations; ping-pong interview; journalism; Bakhtin’s Circle.

Résumé: Ce texte propose une analyse des relations dialogiques dans le genre interview ping-pong en plusieurs magazines et sa fonction axiologique-discursive particulière. Le fondement théorique et méthodologique de la recherche est la théorie du Cercle de Bakhtine. Les données de la recherche intègrent toutes les interviews ping-pong publiées dans les périodiques CartaCapital, ISTOÉ et Veja, du 4 octobre au 8 novembre 2006. Les résultats de l’analyse montrent qu’ un dialogue serré se “tient” entre les énoncés du genre interview ping-pong et les énoncés des différents genres (compte-rendu, reportage) qui composent chaque magazine. En établissant la dialogisation avec ces énoncés, les interviews s’engagent à assurer des “déjà-dits” et à renforcer la position axiologique-discursive de l’entreprise journalistique.

Mots-clés: relations dialogiques; interview ping-pong; journalisme; Cercle de Bakhtine.

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise das relações dialógicas presentes no gênero *entrevista pingue-pongue*, do jornalismo de revista, e de sua função axiológico-discursiva nesse gênero.

Para tanto, inicialmente, delinaremos o quadro teórico em que nos inserimos, a análise dialógica do discurso e a teoria de gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin, apresentando um dos conceitos centrais para a consecução do objetivo proposto, o de dialogismo. Em seguida, faremos a descrição dos dados de pesquisa, precedida de breve exposição e justificativa do percurso metodológico adotado para a análise dos dados. Finalmente, apresentaremos as regularidades encontradas no processo de análise dos dados, evidenciando as relações dialógicas que constituem o horizonte temático do gênero em questão e sua função axiológico-discursiva nesse gênero.

A Concepção de dialogismo em Bakhtin

O termo ‘diálogo’, frequentemente mencionado nas obras do Círculo de Bakhtin, tem sido muitas vezes mal compreendido por seus leitores, em virtude das variadas significações que a palavra possui. Para Faraco (2003), essa palavra tem sido mil vezes mal-dita, pois é, não raras vezes, entendida como a sequência de fala das personagens no texto dramático, ou, também, como o desenrolar da conversação na interação face a face. Tais conceitos de diálogo se distanciam daquele defendido por Bakhtin, que possui uma implicação conceitual muito mais ampla e complexa: o diálogo(gismo) é constitutivo da linguagem.

Bakhtin (2003) faz referência às diferentes concepções de diálogo e, inclusive, chama de concepção estreita a compreensão deste como forma composicional de citação do discurso do outro. Para o autor, o conceito de diálogo está relacionado à ideia de diálogo da comunicação discursiva, que se concretiza nas relações dialógicas. Essas relações são de índole específica, não podendo ser reduzidas a relações meramente lógicas nem linguísticas, sendo possíveis somente entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso. As relações dialógicas são definidas da seguinte maneira pelo autor:

As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos) (*sic*), acabam em relação dialógica. (Bakhtin 2003: 323)

Assim sendo, elas estão associadas aos sentidos produzidos entre falantes em enunciados reais, distanciando-se das pesquisas linguísticas que estudam o meio de comunicação discursiva (material linguístico) e não a comunicação discursiva propriamente dita, bem como as relações que nela se estabelecem. Conforme Bakhtin [Voločínov] (2004), as relações dialógicas pressupõem a interação entre um *eu* e um *tu*, uma vez que,

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato *de* que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. (Bakhtin [Volochinov] 2004: 113, grifo dos autores).

A relação e a contraposição entre um *eu* e um *tu* estão ancoradas no conceito de alteridade, em que um *eu* só se constitui como ser na base de um *tu*, ou seja, Bakhtin destaca a importância do outro (interlocutor leitor ou ouvinte) que se torna o horizonte social avaliativo e que interage na constituição da subjetividade do sujeito. Nessa perspectiva, o autor diz que: “O homem não possui um território interior soberano, ele se situa todo e sempre em uma fronteira: olhando para o seu interior, ele o olha nos olhos do outro ou através dos olhos do outro” (Bakhtin 1997: 140). Dessa forma, a noção de alteridade constitui uma categoria essencial do pensamento bakhtiniano, sendo abordada em seus primeiros escritos, como, por exemplo, em *Para uma filosofia do ato* (1993), onde o autor discute a necessidade de não dicotomizar o mundo ético e o mundo estético, pois, para ele, a contraposição do *eu* e do *outro*, numa dimensão axiológica, é vista como o princípio organizador do mundo real:

O mais alto princípio arquetônico do mundo real do ato realizado ou ação é contraposição concreta e arquetonicamente válida ou operativa entre *eu* e o *outro*. A vida conhece dois centros de valor que são fundamentalmente essencialmente diferentes, embora correlacionados um com o outro: eu e o outro; e é em torno desses centros que todos os momentos concretos do Ser se distribuem e se arranjam. (Bakhtin 1993: 91, grifo do autor)

Então, tudo que é conteúdo vivido e concretizado verbalmente (ou por outro material semiótico) passa, necessariamente, pela relação eu/

outro, o que remete à questão do diálogo². De acordo com Faraco (2003), Bakhtin se ocupa não do diálogo em si, mas do que ocorre nele, isto é, das complexas relações dialógicas. Como já comentado, seu conceito de diálogo é diferente do que se apresenta em algumas áreas da Linguística, que se ocupam do estudo da forma-diálogo, abordando, por exemplo, o estudo do diálogo como troca de turnos entre os falantes (objeto de estudo da área da Análise da Conversação) e também do da Etnografia da Fala e da Teoria da Comunicação, que analisam, respectivamente, práticas conversacionais de determinado grupo e o modo como a mensagem é veiculada do emissor para o receptor.

Fica perceptível, dessa forma, a diferença entre a maneira como algumas áreas da Linguística elaboram o conceito de diálogo (observado no plano da língua) e a proposta bakhtiniana (observada no plano do discurso - metalinguística)³. Para Bakhtin, as relações dialógicas são extralinguísticas e não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral e concreto; essas relações “[...] devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem [...]” (Bakhtin 1997: 159).

Ao dizer que as relações dialógicas se convertem em posições de diferentes sujeitos, o autor está, portanto, indicando a característica de responsividade (possibilidade de resposta ou contrapalavra) que o diálogo possui. Em outros termos, no diálogo, os sujeitos respondem ativamente aos enunciados, e tais respostas são marcadas por juízos sociais de valor (índices valorativos).

2. Como visto, o conceito de diálogo está intimamente ligado ao de alteridade, o que justifica nossa pequena digressão.

3. Bakhtin, no livro *Problemas de poética de Dostoiévski* (1997), apresenta o termo *metalingüística* e o define como sendo constituído por um conjunto de disciplinas particulares definidas, ainda não existentes na época do autor, que se propoiam a estudar aspectos da vida do discurso que ultrapassam os limites da Linguística. Alguns pesquisadores têm atribuído o termo *translingüística* a essa proposta de Bakhtin. Sobre esse assunto ver: Souza, Geraldo Tadeu. *A construção da metalingüística*, 2002, Tese de doutorado (USP).

Percorso metodológico

Com indicado na introdução, esta pesquisa insere-se nos estudos analíticos de gêneros e de discurso. Tomamos como base teórica a concepção bakhtiniana de linguagem; e como fundamento metodológico a *ordem metodológica* de cunho sócio-histórico proposta por Bakhtin [Volochínov] (2004: 24) para o estudo da linguagem:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação habitual.

Além disso, também optamos pela proposta metodológica de estudo de gêneros do discurso de Rodrigues (2001), cujas ideias estão ancoradas em Bakhtin. Seguindo a proposta da autora, partimos da análise da *dimensão social do gênero* para posteriormente analisarmos sua *dimensão verbal*. Essa proposta aponta para a necessidade de estudar, de antemão, os aspectos sócio-discursivos do gênero, ou seja, o auditório social, as condições de produção, a esfera social em que circula, para, só então, proceder à análise de suas regularidades linguístico-textuais, correlacionadas com as regularidades da situação de interação social.

Os dados da pesquisa constituem-se de 52 (*cinquenta e duas*) entrevistas *pingue-pongues*, publicadas em três revistas semanais de informação de

circulação nacional: *CartaCapital*, *ISTOÉ* e *Veja*⁴, publicadas no período de 04 de outubro de 2006 a 08 de novembro de 2006, período de cobertura do segundo turno das eleições presidenciais. Face ao grande volume de dados analisados, foram selecionados para este artigo exemplos em que as relações dialógicas, no gênero pesquisado, mostraram-se mais salientes (indícios de regularidade no gênero) durante o percurso de análise.

O horizonte temático do gênero entrevista pingue-pongue

A apreensão das relações dialógicas compreende também o estudo do conteúdo temático do enunciado, uma vez que aquelas fazem parte deste. Segundo Rodrigues (2005: 167), para Bakhtin, o conteúdo temático do enunciado se refere a “[...] objetos [objeto do discurso] e sentidos (outros enunciados)”; e “Todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objetivo discursivo e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação” (Rodrigues 2001: 167). Tendo em vista que o conteúdo temático de um gênero extrapola os estratos linguísticos e que também não se restringe à noção de assunto, procuraremos, além de apresentar os assuntos mais recorrentes no gênero, analisar como se caracteriza o horizonte temático a partir do objeto do discurso e de seus sentidos (outros enunciados).

Consideramos, após a análise dos dados, que no gênero *entrevista pingue-pongue* o efetivo conteúdo temático é o entrevistado e seu discurso; porém, como esse gênero e a entrevista face a face encontram-se numa relação dialógica constitutiva, abordaremos também o conteúdo temático deste gênero, que se encontra intercalado na *entrevista pingue-pongue*. Isso porque os temas oriundos da *entrevista face a face* se fazem presentes na *entrevista pingue-pongue*, ainda que, como dito, o objeto do discurso recaia sobre o entrevistado e seu discurso. Ao considerar a intercalação do gênero

4. As revistas são referenciadas pelo nome tal como esse aparece em suas capas: *CartaCapital*, sem espaço entre as palavras; *ISTOÉ*, todo em letra maiúscula e sem espaço entre as palavras; e *Veja*, com a letra inicial maiúscula.

entrevista face a face e, conseqüentemente, a intercalação de seus temas, observamos que as entrevistas podem ser agrupadas, com relação ao objeto do discurso, em: 1. *Entrevistas pingue-pongues cujo objeto do discurso é o próprio entrevistado*; 2. *Entrevistas pingue-pongues cujo objeto do discurso é o conjunto dos acontecimentos sociais* (Cf. Tabela 1).

As entrevistas *cujo objeto do discurso está ligado à pessoa do entrevistado* buscam evidenciar *o quem* e não *o quê*, ou seja, o entrevistado torna-se, de maneira mais explícita, o objeto discursivo. Nessa modalidade, acontece um movimento muito singular que nos remete à diferença que Bakhtin (2003) estabelece entre os temas cotidianos (em especial da esfera privada/íntima) e os sociais (históricos). O jornalismo de revista constitui-se em um espaço discursivo onde se cruzam e se interligam esses diferentes temas, pois, ao *capturar* temas da vida privada e trazê-los ao espaço social institucionalizado, faz com que eles percam seu estatuto de privacidade e passem para o domínio público, mediados e valorados pela esfera jornalística.

Um exemplo disso é o procedimento da revista *Veja* quando faz uso do gênero *entrevista pingue-pongue* como forma de colonismo social, ou melhor, como lugar de apresentação de *fluxicos*, e que tem como foco de apreciação o entrevistado. Nas entrevistas publicadas nas seções intituladas *Holofote* e *Gente* não há um conteúdo *consistente* em que se evidencie *conteúdo jornalístico* (pelo menos, no modo como se concebe tradicionalmente o conteúdo jornalístico); o assunto gira em torno da “figura” do entrevistado, geralmente uma personalidade famosa da mídia televisiva, que está sob seu holofote, em um determinado espaço de tempo (na maioria das vezes, trata-se de um tempo efêmero). A vida particular da personalidade que assume o papel de entrevistado se torna o objeto do discurso da entrevista, o que faz com que o enfoque saia da vida cotidiana (íntima) e migre para a esfera pública. A vida pessoal do entrevistado passa a ser de interesse público, pois essas entrevistas adentram sua vida pessoal com o objetivo de aferir interesse público a algo que, *a priori*, pertence à esfera privada.

Aqui observamos a orientação do enunciado para os já-ditos e para os enunciados pré-figurados, uma vez que a esfera jornalística tenta prever o

interesse (reação-resposta antecipada) do seu interlocutor/leitor em saber sobre a vida pessoal de determinado entrevistado. Como exemplo dessa situação, citamos a entrevista com a atriz Carol Castro (Veja, n. 43, 2006) que interpretava, na época da publicação da entrevista, uma personagem em uma telenovela, sendo, portanto, naquele momento, objeto de interesse público. Outro exemplo é a entrevista com Helena Moraes (Veja, n. 41, 2006), mãe da senadora e candidata à Presidência da República em 2006, Heloísa Helena. Na época da campanha política, tornou-se relevante para o objetivo discursivo da revista inserir a entrevista da mãe da candidata à Presidência. Isso revela que as entrevistas com foco no entrevistado são, de certa forma, datadas.

Na sequência, apresentaremos partes de algumas entrevistas pingue-pongues com foco no entrevistado e que se sobressaíram nos dados, tendo em vista suas singularidades: elas confirmam o movimento de *querer saber* sobre o entrevistado, como também sobre as relações que este estabelece com outras personalidades. Uma delas é a entrevista com Luciana Vendramini (Veja, n. 43, 2006), atriz que está afastada da mídia televisiva há certo tempo. O motivo de sua aparição como entrevistada não foi um novo trabalho, nem algo especial que ela tivesse a dizer, mas os rumores de um suposto relacionamento amoroso seu com o cantor Roberto Carlos, conforme se observa na sequência de perguntas transcritas:

(1)

1. O seu rompimento teve alguma relação com Roberto Carlos?
2. De onde você acha que vêm os boatos?
3. Vocês se falam bastante?
4. E não existe um interesse nem seu nem dele de levar isso adiante?
5. Você vai ao show?
6. Você acha impossível você e o Roberto Carlos virem a namorar algum dia?

Como podemos observar, o objeto do discurso não é nem mesmo a própria entrevistada, mas a personalidade famosa com quem ela manteve contato, que é o cantor supracitado. A entrevista compõe-se de 6 (seis) perguntas, conta com um espaço reduzido para as respostas e nenhuma das perguntas focaliza exclusivamente a atriz entrevistada; todas estão atravessadas pela real personalidade, o cantor Roberto Carlos, que é, de fato, quem desperta o interesse público. Podemos dizer que, nessa entrevista, o objeto discursivo é um *outro*, já valorado pelos já-ditos e pelos discursos de *outrem*, que se interpõe entre o jornalista e a entrevistada.

Já a entrevista com Monique Evans (Veja, n. 40, 2006), ex-modelo e apresentadora de programas de TV, é um típico exemplo de entrevista com enfoque no entrevistado. Na sequência, apresentaremos as perguntas que focalizam a vida particular da entrevistada:

(2)

Veja - Você tem medo de ficar para titia?

Veja - Mas seus ex são mais novos do que você...

Veja - Você não recebe mais tantas cantadas?

Veja - Por que diz isso? Está menos vaidosa?

Há também entrevistas que se situam na fronteira entre as que enfocam o próprio entrevistado e as que enfocam o conjunto dos acontecimentos sociais, tendo como baliza o *olhar* do entrevistado. Um exemplo é a entrevista com a antropóloga Mirian Goldenberg (Veja, n. 39, 2006). Apesar de se tratar de uma especialista que estuda a *infidelidade em relacionamentos amorosos*, assunto que é introduzido na entrevista, caracterizando, assim, uma entrevista temática⁵, há, nesse caso, um movimento de relacionar a discussão em pauta (infidelidade feminina) à vida pessoal da entrevistada, causando um efeito de intimidade, conforme evidenciado na seguinte pergunta da jornalista: *Veja – E você, já traiu? Já foi traída?*

5. O conceito de entrevista pingue-pongue temática será apresentado na sequência.

Situação semelhante ocorre na entrevista já mencionada com Helena Moraes, em que a personalidade, de fato, é a filha da entrevistada (Heloísa Helena, senadora e também candidata à Presidência da República, no primeiro turno das eleições-2006). O que confere à entrevistada um espaço na revista é o fato de ser mãe da candidata à Presidência; assim, fora dessa condição, Helena Moraes seria uma eleitora comum, não havendo nada de extraordinário que lhe conferisse o *status* de entrevistada. Nesse exemplo, há um misto de entrevista com foco no entrevistado e no acontecimento social (segundo turno das eleições presidenciais), uma vez que a entrevista *aportou-se*, primeiramente, na pessoa da entrevistada, focalizando a *real* personalidade (a senadora e presidencialável Heloísa Helena), e, depois, no tema *segundo turno das eleições presidenciais*, conforme indicação da seguinte pergunta feita à entrevistada: *Veja – A senhora foi proibida pela sua filha de gravar uma mensagem de apoio a Alckmin?*

Já as entrevistas cujo objeto do discurso é o conjunto dos acontecimentos sociais são aquelas que apresentam as manifestações/apreciações do entrevistado sobre assuntos diversos que contemporaneamente constituem conteúdo jornalístico, caracterizando um movimento (reação-resposta do leitor) de *querer saber* o que o especialista, a personalidade, ou o entrevistado *comum*⁶ têm a dizer sobre esses assuntos da atualidade. Na verdade, novamente, volta-se a focalizar o entrevistado e seu discurso, o que nos levou a considerar que no gênero *entrevista pingue-pongue* o conteúdo temático é o entrevistado e seu discurso. Essas entrevistas podem ser subdivididas em duas categorias, levando em conta o seu conteúdo temático: 1) Temática⁷: que aborda um tema frente ao qual o entrevistado detém o *status* de especialista; 2) Testemunhal: trata-se do relato do entrevistado sobre alguma situação ou fato de que ele participou ou que presenciou; aqui se tem a manifestação de pessoas *comuns*, que não assumem estatuto de *especialistas* em determinada área, mas possuem

6. Nessa situação, estamos nos referindo às entrevistas pingue-pongues cujos entrevistados são cidadãos que fazem algum tipo de denúncia ou fornecem sua versão sobre acontecimentos diversos.

7. As denominações - temática e testemunhal - foram adaptadas de Lage (2004).

um conteúdo a ser transmitido, ou melhor, denunciado (Cf. subdivisão da Tabela 1).

Tabela 1 - Agrupamento das entrevistas pingue-pongues com relação ao conteúdo temático.

Agrupamento das entrevistas pingue-pongues segundo o conteúdo temático	Incidências de entrevistas nos dados de pesquisa
• Entrevistas cujo objeto do discurso é o próprio entrevistado	9
• Entrevistas cujo objeto do discurso é o conjunto dos acontecimentos sociais	Entrevistas temáticas - 42
	Entrevistas testemunhais - 1

Conforme a Tabela 1, observamos a incidência de 9 (nove) entrevistas pingue-pongues cujo objeto do discurso é o entrevistado e 43 (quarenta e três) cujo objeto do discurso é o conjunto dos acontecimentos sociais. No reagrupamento destas, encontramos 42 (quarenta e duas) entrevistas temáticas e 1 (uma) entrevista testemunhal. A maior incidência foi, portanto, de entrevistas pingue-pongues temáticas, que são aquelas que trazem o entrevistado para falar sobre determinado assunto. Nessas 42 (quarenta e duas) entrevistas, os assuntos tratados foram os que aparecem na tabela a seguir:

Tabela 2 - Assuntos das entrevistas pingue-pongues temáticas.

Assuntos das entrevistas pingue-pongue temáticas	Incidências
Segundo turno das eleições presidenciais e política nacional	19
Comportamento	5
Política Internacional	4
Questões ambientais	3

Ciência/Tecnologia	3
Saúde	3
Economia	2
Direitos humanos	1
Livro do entrevistado	1
Terceiro setor/Responsabilidade social	1

Nas entrevistas temáticas (Cf. Tabela 2), uma questão a ser levada em conta é que elas foram publicadas no período pré e pós segundo turno das eleições presidenciais no Brasil, por isso, esse assunto sobrepõe-se aos demais. Durante a seleção dos dados, já havíamos previsto esse atravessamento temático; assim, procuramos analisar de que maneira o referido assunto (política/segundo turno das eleições presidenciais) aparecia inserido no conteúdo temático das entrevistas analisadas. Obviamente, esse tema foi incorporado pelas três revistas pesquisadas, porém, tal inserção se materializou de forma diferenciada nas edições pesquisadas. A *CartaCapital*, por exemplo, lançou uma revista extra com objetivo de cobrir as eleições. A *Veja*, por sua vez, veiculou diversas reportagens de capa abordando o assunto, mas a única *entrevista pingue-pongue* inserida na revista que aponta explicitamente o atravessamento do referido tema foi a entrevista com Helena Moraes. A entrevista mostrou-se abertamente tomada (e valorada) pelo tema das eleições presidenciais, o que se confirma logo no seu título: *Lula não terá meu perdão*.

Já a revista *ISTOÉ* foi a que mais fez essa incorporação temática nas entrevistas; das 6 (seis) entrevistas publicadas nas páginas vermelhas, 5 (cinco) tematizaram as eleições e a política nacional. Além disso, a revista mostrou uma preferência por esse gênero para abordar a questão, tendo em vista a publicação de entrevistas pingue-pongues com os dois candidatos à Presidência da República no segundo turno das eleições: Luiz Inácio Lula da Silva (*ISTOÉ*, n. 1928, 2006) e Geraldo Alckmin (*ISTOÉ*, n. 1928, 2006). Uma explicação

para esse procedimento pode relacionar-se à *capacidade* desse gênero de criar um efeito de pluralidade de vozes, transmitindo ao leitor a impressão de que há a inserção de outra voz que não a do jornalista, a do entrevistado, o que representaria uma posição valorativa externa à empresa jornalística.

No caso dos candidatos à Presidência da República, a editoria da revista poderia ter utilizado o discurso citado através de uma reportagem especial, feita a partir da entrevista face a face, mas não foi o que aconteceu; ela (a editoria) optou pela *entrevista pingue-pongue* com os dois candidatos, com vistas à produção de efeitos de neutralidade e pluralidade de vozes. Ainda sobre os efeitos de sentido que o gênero possibilita, podemos dizer que, através das entrevistas com os referidos entrevistados, a empresa jornalística projeta a perspectiva de que temos mais fielmente a posição dos candidatos, possibilitando, assim, maior veracidade e fidelidade às suas falas.

Toda essa construção de efeitos de sentido produzida pela empresa jornalística é muito propícia em um momento histórico repleto de tensões político-ideológicas, em que a própria mídia é, muitas vezes, acusada de divulgar informações enganosas, sensacionalistas e, sobretudo, partidárias. Dessa forma, a entrevista cumpre o papel axiológico de mostrar uma suposta *isenção* da revista em relação ao discurso dos candidatos à Presidência da República. Além disso, após a eleição, e tendo se confirmado a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a revista entrevistou o grupo que possivelmente integraria o ministério do novo governo, totalizando 8 (oito) entrevistas exclusivas na mesma edição. Tal prática revela o espaço que a editoria de *ISTOÉ* concede ao gênero e evidencia também a maneira como o horizonte temático das entrevistas foi encharcado pelas motivações políticas vigentes na época de sua publicação (segundo turno das eleições presidenciais).

Com relação aos demais assuntos (Cf. Tabela 2), os dados mostraram que nas entrevistas pingue-pongues publicadas pela revista *Veja* destacaram-se as temáticas saúde, comportamento e questões ambientais, veiculadas principalmente na seção GUIA *Veja*, que tem por objetivo discutir questões sobre comportamento, saúde e profissão, tendo um enfoque axiológico-discursivo de auto-ajuda. O próprio nome da seção já apresenta uma intenção

de orientar o leitor sobre questões da atualidade, evidenciando um discurso performativo e explicativo⁸. Os entrevistados, dentro do projeto discursivo da revista, assumem o papel de *vozes* autorizadas para *transmitir* um conhecimento legitimado e orientar os leitores. Por essa razão, nas entrevistas sobre saúde, a revista insere a *voz* da nutricionista para *orientar* o leitor a ter uma alimentação saudável; na entrevista sobre comportamento, traz o psicólogo para dar *dicas* de como vencer o estresse de uma rotina intensa de trabalho, e assim sucessivamente. Esse todo temático faz com que as entrevistas sejam uma espécie de *manual* (guia) de dicas sobre assuntos atuais de interesse de seus leitores, formando um discurso de auto-ajuda para a construção de um sujeito *vencedor e feliz*.

Já as entrevistas publicadas pela revista *CartaCapital* organizam-se em torno de questões sociais, políticas e filosóficas, contudo, os assuntos não aparecem bem delimitados, pois, muitas vezes, ocorrem cruzamentos temáticos. Observamos, por exemplo, entrevistas que se encontram na interface entre política internacional e filosofia. Vejamos alguns casos:

1. Temática socioeconômica: a entrevista com o vencedor do prêmio Nobel da Paz, o bengalês Muhammad Yunus (*CartaCapital*, n. 417, 2006), professor de economia e política de Bangladesh. O entrevistado ganhou o prêmio em virtude da criação do Grameen Bank, conhecido como o *banco dos pobres*, que atua no sentido de erradicar a pobreza. A entrevista discute a atuação do entrevistado na área social e também relaciona questões econômicas relativas à fundação do referido banco;
2. Temática filosófico-política: entrevista com o filósofo italiano Domenico Losurdo (*CartaCapital*, n. 418, 2006), na qual se

8. Uma análise mais aprofundada dessa questão pode ser encontrada em: Augusti; Rossato (2005). *Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da revista Veja*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Essa pesquisa analisou os valores inseridos nas reportagens da revista *Veja* e constatou que os dominantes no discurso da revista são os que defendem um indivíduo saudável, belo, inteligente e que vive com prazer.

estabelecem conexões entre questões filosóficas, tais como concepções teóricas marxistas e a política moderna (liberalismo político).

A entrevista mais focada, ou seja, aquela em que o assunto é mais definido, é a entrevista com Gwyn Prins (*CartaCapital*, n. 417, 2006), historiador e professor de História da *London School of Economics* e da *Columbia University* em Nova York. A entrevista tem como tema a política norte-americana, mais especificamente, as eleições nos EUA: a disputa entre democratas e republicanos. Podemos observar que as entrevistas da revista *CartaCapital* apresentam um conteúdo temático voltado principalmente para assuntos políticos e econômicos da atualidade, em que o entrevistado (um especialista) apresenta um enfoque crítico e analítico dos temas abordados.

Por fim, com relação às entrevistas pingue-pongues testemunhais, como dito, a única publicada foi com Adolfo Rodrigues (*ISTOÉ*, n. 1930, 2006), empresário que denunciou fraudes nas compras do Senado. O que podemos dizer, como hipótese, é que tendo em vista o caráter noticioso intrínseco às informações sobre denúncias de determinada questão (moral, política ou econômica), é mais comum que tais denúncias, apuradas na entrevista face a face, sejam publicadas em forma de discurso citado nos gêneros reportagem ou notícia, o que explicaria a baixa incidência dessa modalidade de entrevista nos dados.

As relações dialógicas

O horizonte temático de um gênero também se orienta pelos sentidos, que são outros enunciados, o que nos remete às relações dialógicas que ocorrem na revista e no gênero - a sua dialogicidade interna. A análise mostrou que se trava um diálogo intenso entre os enunciados de diferentes gêneros que compõem a revista, e que a *entrevista pingue-pongue* entra em dialogização com esses enunciados de outros gêneros, como a resenha e a reportagem, e, além disso, que há um diálogo entre as seções da revista. Nesses casos, a

entrevista cumpre a tarefa de reafirmar, exemplificar, enfim, de solidificar, através do discurso citado do entrevistado, a posição axiológica dos enunciados (dos gêneros mencionados) publicados em uma mesma seção ou em seções diferentes, corroborando com o projeto discursivo da empresa jornalística.

Vejam os alguns exemplos da dialogicidade interna na revista:

1. A entrevista com o psiquiatra americano Edward M. Hallowell (Veja, n. 39, 2006), que ocupa meia página e está inserida em uma seção cujo tema é saúde mental e comportamento, situa-se na seção GUIA Veja e está cumprindo a função de ilustrar e/ou reafirmar a reportagem *maior*, que se centra na discussão sobre hiperatividade causada pelo ritmo de vida profissional acelerado;
2. A entrevista com o norte-americano Hary Eker (Veja, n. 41, 2006), autor de *best-seller* e milionário, que integra a seção Comportamento, está *dialogando* com o gênero reportagem (anterior à entrevista), no qual se discute o sucesso dos manuais que ensinam o caminho para o enriquecimento. A entrevista, encaixada após a reportagem, cumpre o papel de fornecer ao leitor dicas de como alcançar o *status* de milionário;
3. A entrevista com o psiquiatra e autor de livros sobre comportamento, José Ângelo Gaiarsa (ISTOÉ, n. 1930, 2006), também se caracteriza como um complemento aos enunciados anteriores. Ela está incluída na seção Comportamento, na qual se constata a seguinte sequência de enunciados: a primeira reportagem, que discute o tema traição conjugal; a segunda reportagem, que aborda a discussão sobre as relações matrimoniais alternativas em que são possíveis relações amorosas simultâneas com aceitação dos parceiros; e, justamente encaixada nessa segunda reportagem, encontra-se publicada a entrevista. Nesse caso, fica evidente a relação dialógica que se estabelece entre esses enunciados de diferentes gêneros, pois o entrevistado defende a ideia de *poliamor*, tema da seção; dessa forma, trata-

se da opinião de um especialista validando o conjunto de ideias ali expostas;

4. A entrevista com Susan Linn (Veja, n. 40, 2006), psicóloga americana, enfoca a questão do consumismo infantil e encontra-se ancorada na seção GUIA Veja, completando, na mesma página, reportagem sobre a referida temática da entrevista;

5. A entrevista com Mireille Guilliano (Veja, n. 42, 2006), presidente de uma empresa fabricante de champanha e autora de *best-seller*, está relacionada à sequência de reportagens sobre saúde que focalizam a *boa forma*;

6. A entrevista com Adolfo Rodrigues (ISTOÉ, n. 1930, 2006), empresário que faz uma denúncia de corrupção na esfera política (Senado), está completando uma reportagem intitulada *Compra no Senado sem licitação*. Neste caso, ao invés da palavra do especialista sobre determinado tema, temos a palavra da testemunha sobre um fato, o que serve de comprovação, uma vez que causa um efeito de verdade, conferindo veracidade ao fato apresentado na reportagem.

O maior exemplo de relação dialógica entre os gêneros de diferentes seções pôde ser observado na edição n. 41 da revista *Veja* de 18/10/2006, anterior ao segundo turno das eleições presidenciais. Fizemos uma lista da sequência de enunciados e de seus gêneros e assuntos, que demonstrou uma relação temática que, por sua vez, evidencia as relações dialógicas no interior da revista. Vejamos:

1. Chamada de capa intitulada: *Dossiêgate: Limpeza de alto risco. A operação para encobrir a origem do dinheiro pode ser ainda mais devastadora para o governo*;

2. *Entrevista pingue-pongue* (páginas amarelas) com o psicólogo americano David Livingstone Smith, que aborda o tema comportamental *mentira*, e cujo título é: *O filósofo afirma que*

políticos mentem mais do que a mídia e que nosso cérebro está programado para aceitar falsidades;

3. Entrevista com Helena Moraes, cuja introdução é: *No primeiro turno, a alagoana Helena Moraes, de 70 anos, votou em sua filha, a senadora Heloísa Helena. Agora votará no tucano Geraldo Alckmin. Só não gravou para o programa de TV do PSDB porque sua filha não deixou e cujo título é: Lula não terá meu perdão.*

4. Reportagens (pequenas) que comentam escândalos políticos envolvendo pessoas ligadas ao governo;

5. Reportagem (8 páginas) sobre escândalos políticos relacionados ao governo e ao Partido dos Trabalhadores (PT);

6. Reportagem que aborda a questão das privatizações e cujo título é: *Vivam as privatizações! Lula as abomina. Alckmin as defende com timidez, mas a venda de estatais é a melhor maneira de combater a corrupção, o aparelhamento e a ineficiência;*

7. Entrevista com o economista Fabio Giambiagi, que aborda o problema da previdência social, e que tem por título *O Brasil está se suicidando. Livro mostra como Previdência se tornou o veneno invisível das contas públicas do país;*

8. Reportagem intitulada: *O terrorismo do PT. A campanha de Lula adota a tática de usar boatos para prejudicar o adversário.*

Observamos que quase metade da edição dedica-se ao horizonte temático da política, que coaduna com o que estava acontecendo socialmente na época da publicação da revista: a campanha eleitoral e o segundo turno das eleições presidenciais, que constituem acontecimentos sociais, ou seja, eventos da vida transpostos, analisados, validados e valorados pelo discurso jornalístico. Mais do que focalizar um tema, essa sequência de enunciados de diferentes gêneros, mas sobre uma mesma temática, materializa um engajamento político-ideológico por parte da empresa jornalística, que se revela contrário à reeleição do candidato Luiz Inácio Lula da Silva. Dessa forma, na sequência apresentada, as reportagens e entrevistas abordam

escândalos políticos que envolvem pessoas do governo; outras vezes, discutem os problemas econômicos e sugerem ou atribuem a responsabilidade ao atual governo⁹, que, por sua vez, também é candidato à reeleição; enfim, os enunciados revelam um discurso que contraria as ações do referido candidato.

Assim, o projeto discursivo do autor da *entrevista pingue-pongue* ou da reportagem insere-se em um projeto discursivo maior, o da empresa jornalística (nesse caso, constitui em fazer oposição político-ideológica ao candidato do governo). A dialogicidade interna na revista se materializa no horizonte temático, e sua base é um discurso autoritário (único) da empresa jornalística, que, por sua vez, está ligada a outras esferas sociais (políticas, empresariais). Para reafirmar esse discurso autoritário e, ao mesmo tempo, produzir um *efeito* de pluralidade ideológica, a revista insere a palavra do *outro* (do psicólogo, do economista, da mãe da senadora, do jornalista, da testemunha do escândalo político-financeiro, etc.). Essas vozes alheias criam uma aparente pluralidade, mas, na verdade, legitimam um discurso hegemônico.

As relações dialógicas apresentadas entre os diferentes gêneros dentro de uma mesma seção ou entre diferentes seções da revista caracterizam um movimento dialógico que só é percebido se considerarmos o gênero como objeto de estudo, pois, o leitor, ao fazer uma leitura menos atenta, pode não perceber o engendramento discursivo-ideológico presente nessas relações, e que é responsável por produzir um discurso hegemônico que tende a fazer com que o leitor seja convencido de posições ideológicas defendidas pela empresa jornalística.

Os casos supracitados mostram que o gênero *entrevista pingue-pongue* precisa ser considerado em sua relação dialógica com os demais gêneros, pois ele estabelece um diálogo com os demais enunciados presentes na seção em que está inserido e na revista como um todo. Nos exemplos citados, a entrevista torna-se um meio de reafirmar os já-ditos através de uma espécie de parecer de um especialista que pode ser considerado *voz* de autoridade

9. Na ocasião da pesquisa, Luiz Inácio Lula da Silva ocupava o cargo de Presidente da República e era também candidato à reeleição, vindo a eleger-se no segundo turno das eleições presidenciais do ano de 2006.

sobre determinado assunto e, portanto, pode aferir juízo de valor ou, ainda, através da *voz* da testemunha sobre determinado fato. No caso da revista *Veja*, percebemos mais efetivamente o objetivo de convencer o leitor, ou melhor, saturá-lo em relação a determinados pontos de vista da empresa jornalística (revista). Dessa forma, a multiplicidade de gêneros, não raras vezes, esconde a homogeneidade discursivo-ideológica que se pretende produzir.

Outro exemplo de dialogicidade interna na revista são as entrevistas (já citadas) com os candidatos à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin, na edição n. 1928 da revista *ISTOÉ*, de 04/10/2006. As entrevistas foram publicadas na seção especial *Eleições 2006*, na seguinte sequência: primeiro, a entrevista com o candidato do atual governo, Lula, e, em seguida, com o candidato Alckmin. Na análise da entrevista com o candidato Lula, observamos um diálogo intenso entre o entrevistado e o leitor-eleitor, uma vez que na entrevista face a face reenunciada percebemos que o entrevistado não direcionou seu discurso somente ao jornalista, mas, sobretudo, ao leitor-eleitor, conferindo à entrevista um *tom* de campanha eleitoral e utilizando-se, para tal, de ataques ao concorrente. Nesse caso, o entrevistado prevê a reação-resposta ativa do leitor-eleitor, como também tem clareza do processo de reenunciação por qual passará o seu discurso. Isso revela que o entrevistado domina o gênero, pois tenta, de certa maneira, driblar a edição para que seu discurso de propaganda eleitoral alcance o leitor-eleitor. Podemos observar esse discurso diretivo ao leitor-eleitor no exemplo a seguir:

(3)

- Depois de anos de inflação alta, desequilíbrios orçamentários e nas contas externas, finalmente conseguimos colocar a economia brasileira na rota do crescimento sustentado [...].
- De toda forma, tivemos que atender a outras prioridades, como vocês sabem, porque recebemos um país praticamente quebrado.
- No segundo mandato, depois que arrumamos a casa, o Brasil vai dar um salto de qualidade.

Nessas respostas, o entrevistado Lula manifesta um discurso de oposição ao governo anterior (PSDB), e que é projetado para o candidato adversário, representante do mesmo partido político. O entrevistado utiliza o espaço da entrevista para realizar uma espécie de comício político, pois, quando é indagado sobre as suas ações futuras, ele responde através de críticas às ações passadas do partido ao qual se opõe na atualidade, conforme o fragmento: “[...] recebemos um país praticamente quebrado”, fazendo, assim, um movimento de inserção de um discurso de oposição partidária. Nesse sentido, há uma constante dialogicidade na entrevista, revelando a presença de *outros* participantes na interação, a saber, o leitor-eleitor e o adversário. Isso se materializa no uso do *nós* inclusivo, “[...] finalmente conseguimos colocar a economia brasileira na rota do crescimento sustentado”, pois se trata de uma modalização do entrevistado, que busca obter a adesão do leitor-eleitor, tendo em vista que esse *nós* representa, na verdade, o próprio entrevistado e suas ações como Presidente da República.

A entrevista com o candidato Alckmin, por sua vez, também manifesta essa dialogicidade e o domínio do gênero por parte do entrevistado, conforme podemos observar no exemplo:

(4)

- Vou trabalhar duro para acabar com a ineficiência e a corrupção que se entranham em todo o governo federal.
- Infelizmente, o governo atual nos condenou a quatro anos de paralisia.
- Quem se desgastou foram os aliados do governo, a base governista forjada na base dos mensalões.

O discurso do entrevistado (Alckmin) também apresenta uma orientação do seu discurso para o leitor-eleitor, bem como para seu adversário político. Nas suas respostas, observamos a orientação do discurso para a temática da corrupção na base governista, o que remete o leitor-eleitor aos já-ditos

veiculados pelo jornalismo sobre o referido assunto, que, inclusive, estavam tendo um enfoque especial no período do segundo turno das eleições. Dessa maneira, o entrevistado “costura” sua resposta com discursos alheios repletos de já-ditos e de intenções valorativas. O entrevistado também modaliza seu discurso através do uso do *nós* inclusivo, como em “[...] o governo atual nos condenou [...]”, em que ele inclui nesse *nós* todo o país, representando, pois, um movimento dialógico de generalização, que constitui uma estratégia eleitoral para obter a adesão do leitor-eleitor a sua orientação valorativa.

Enfim, nessas relações ideológico-discursivas, trava-se um diálogo tenso e inconcluso entre as entrevistas dos referidos candidatos, que constrói uma cena de comício político, típico de período eleitoral. Essa dialogicidade se dá, primeiramente, na entrevista face a face, quando os entrevistados já se pronunciam tendo em mente a concepção de seus destinatários (leitor-eleitor e adversário), e, depois, na reenunciação da interação face a face na *entrevista pingue-pongue*, onde os autores das entrevistas, seguindo o projeto discursivo da revista, posicionam os entrevistados em relação dialógica, através dos enquadramentos de seus discursos citados, o que nos remete ao próximo tópico de análise.

O enquadramento do discurso do outro

Até aqui apresentamos análise das relações dialógicas observadas nos dados de pesquisa; agora, faz-se relevante apresentar o papel axiológico-discursivo desempenhado por elas na constituição do gênero. Relembramos que as relações dialógicas estão intrinsecamente ligadas à prática de enquadramento do discurso do outro. Segundo Rodrigues (2001: 173), “O enquadramento do discurso do outro no enunciado cria a perspectiva, o fundo dialógico que é dado ao discurso introduzido”. E sobre esse enquadramento do discurso do outro, Bakhtin diz que,

[...] por maior que seja a precisão com que é transmitido, o discurso de outrem incluído no contexto sempre está submetido a notáveis

transformações de significado. O contexto que avoluma a palavra de outrem origina um fundo dialógico cuja influência pode ser muito grande. Recorrendo a procedimentos de enquadramento apropriados, pode-se conseguir transformações notáveis de um enunciado alheio, citado de maneira exata. O polemista inescrupuloso e hábil sabe perfeitamente que fundo dialógico convém dar às palavras de seu adversário, citadas com fidelidade, a fim de lhes alterar o significado. [...] A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que o enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influencia mútua do diálogo pode ser imenso (Bakhtin 1998: 141).

O enquadramento do discurso do outro, nos termos bakhtinianos, caracteriza-se por conferir a esse discurso citado um novo acento de valor e criar um ângulo dialógico-axiológico que o autor pretende inserir nesse discurso.

No exemplo das entrevistas com os candidatos à Presidência da República, ao enquadrar o discurso citado dos entrevistados, os autores (jornalistas e editoria) colocam as duas entrevistas, como também os entrevistados, em relação dialógica e, assim o fazendo, criam um fundo aperceptivo que propicia um diálogo entre esses enunciados. Esse diálogo aparece logo no início, uma vez que a entrevista de Lula apresenta o seguinte título: “*Sempre fui contra a reeleição*”; e a de Alckmin, por seu turno, tem como título: “O Brasil pisou no freio”. Os títulos constituem-se em trechos das entrevistas que são *capturados* no momento de sua edição (trabalho estilístico-composicional). Ao optar por tais títulos, os autores *enquadram* esses discursos, conferindo-lhes o *tom* apreciativo desejado pela empresa jornalística. No exemplo citado, os autores fazem com que os dois títulos *travem* uma briga ideológica nos moldes de campanha política, o que nos remete a uma *encenação* de um debate político ao vivo, no formato daqueles produzidos pela televisão.

Com relação ao conteúdo do discurso citado que foi enquadrado no título na entrevista com Lula (“*Sempre fui contra a reeleição*”), podemos

dizer que o candidato pronuncia-se contra a reeleição porque foi no mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), do mesmo partido do candidato oponente, Alckmin, que a lei referente à reeleição presidencial foi promulgada. Mas trata-se de um discurso que está inserido no corpo da entrevista, com seus desdobramentos enunciativos e valorativos nesse contexto do enunciado (o entrevistado reavalia uma posição sua) e que é direcionado ao leitor-eleitor; porém, quando a editoria faz o enquadramento desse discurso, colocando-o em destaque, revela-se a entoação valorativa negativa do autor da entrevista. É como se o autor perguntasse ao entrevistado Lula: “Se você é contra a reeleição, porque se candidatou novamente à presidência?”. Mais do que interrogar o entrevistado, a pergunta coloca a credibilidade do candidato em dúvida; além disso, a pergunta focaliza o leitor, incitando-o também a fazer a mesma pergunta; nesse sentido, a pergunta deixa de ser a pergunta de um indivíduo e passa a ser uma pergunta coletiva. Já o título da entrevista de Alckmin, por sua vez, *ataca* o governo do candidato à reeleição (Lula) quando diz que o Brasil pisou no freio, em outras palavras, aponta que não houve crescimento econômico durante o último mandato presidencial. Podemos dizer que esse título reforça um já-dito sobre o mandato do governo Lula, que o desqualifica, e mostra um movimento de aproximação com o discurso do candidato Alckmin.

Conforme exposto, essas duas falas são parte do corpo das entrevistas; mas, ao pinçá-las dessa parte do enunciado e enquadrá-las no título da entrevista, conferindo-lhes destaque, os autores estão realizando seu trabalho estilístico-composicional e, ao mesmo tempo, produzindo um discurso bivocal que entrelaça a voz do entrevistado com a voz do autor, e que concede ao enunciado pinçado um tom apreciativo de adesão ou de distanciamento (trabalho ideológico-discursivo), por parte da editoria. No entanto, toda essa construção ideológico-discursiva só pode ser percebida levando-se em conta a parte presumida do enunciado, ou seja, se levarmos em consideração, conforme propõe Bakhtin [Volochínov] (1926), o contexto extraverbal do enunciado, que, nesse caso, trata-se de um evento valorado e enquadrado pelo jornalismo - as eleições presidenciais.

Considerações finais

O gênero *entrevista pingue-pongue*, do jornalismo de revista, cumpre funções ideológico-discursivas de interesse da empresa jornalística; para tanto, não raras vezes, assume a função de reafirmar já-ditos em outros gêneros (reportagem, resenha) que compõem a revista.

A análise mostrou que no processo de reenunciação da entrevista face a face o discurso do entrevistado passa pelo processo de enquadramento do discurso do outro. Desse modo, seu discurso, na entrevista pingue-pongue apresenta-se como um discurso citado da entrevista face a face, o que nos levou a considerar que esse discurso constitui-se no conteúdo temático da entrevista pingue-pongue e que a posição de autoria nesse gênero é assumida pelo jornalista e a empresa jornalística, com sua equipe de editores. Além disso, a análise também demonstrou que se instaura um diálogo intenso (e tenso) entre os gêneros (e enunciados) dentro da revista, compondo uma totalidade que converge para a formação de discursos de autoridade da empresa jornalística. Assim, reafirmamos também o que o Círculo de Bakhtin já enfatizava, que o estudo dos gêneros e o dos enunciados não pode se ater tão somente à análise das regularidades linguístico-textuais; é preciso explorar o potencial dialógico intrínseco ao gênero, ou seja, observar a questão das relações dialógicas como constitutivas da linguagem, bem como analisar os enunciados e os gêneros num movimento constante e de mão dupla entre a dimensão textual e a dimensão social. O que se pôde observar efetivamente é que a análise de gênero em uma perspectiva bakhtiniana implica, necessariamente, refletir sobre as relações discursivas que se originam no gênero.

Referências bibliográficas

AUGUSTI, Alexandre Rossato. 2005. *Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da revista Veja*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

- BAKHTIN, Mikhail. 1993. Para uma filosofia do ato. Tradução inédita [para fins didáticos] de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza da edição americana *Toward a Philosophy of the Act* (Austin: University of Texas Press).
- _____. 1997. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. 1998. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Fornoni Bernarni et al. 4. ed. São Paulo: Hucitec/Ed. UNESP.
- _____. 2003. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- _____; [VOLOSCHINOV, V. N.]. 1926. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre a poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo.
- _____. 2004. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira 11. ed. São Paulo: Hucitec.
- FARACO, Carlos Alberto. 2003. *Linguagem & Diálogo: idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar edições.
- LAGE, Nilson. 2004. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. 2001. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. Tese de doutorado. LAEL. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo.
- SOUZA, Geraldo Tadeu. 2002. *A construção da metalingüística*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Referências bibliográficas dos dados da pesquisa

- ALKMIN, Geraldo. O Brasil pisou no freio. *ISTOÉ*. São Paulo: Três Editorial, n. 1928, 04 de out. 2006.
- DA SILVA, Luiz Inácio Lula. Sempre fui contra a reeleição. *ISTOÉ*. São Paulo: Três Editorial, n. 1928, 04 de out. 2006.
- EKER, Harv. É preciso pensar como rico. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 41, 18 de out. 2006.
- EVANS, Monique. Quero alguém embagulhando. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 40, 11 de out. 2006.

- GAIARSA, José Ângelo. Proibir alguém de se namorar é crime. *ISTOÉ*. São Paulo: Três Editorial, n. 1930, 18 de out. 2006.
- GOLDENBERG, Mirian. Traem e culpam o marido. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 39, 04 de out. 2006.
- GIULIANO, Meirelle. A receita das francesas. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 42, 25 de out. 2006.
- HALLWELL, Edward M. A epidemia da hiperatividade. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 39, 11 de out. 2006.
- LOSURDO, Domenico. Terra dos senhores. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, ano XIII, n. 418, 08 de nov. 2006.
- LINN, Susan. Eles têm tudo, mas não seguem regras. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 40, 11 de out. 2006.
- MORAES, Helena. Lula não terá meu perdão. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 41, 18 de out. 2006.
- YUNUS, Muhammad. Homem de ação. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, ano XIII, n. 417, 01 de nov. 2006.
- PRINS, Gwyn. Derrocada republicana. *CartaCapital*. São Paulo: Editora Confiança, ano XIII, n. 417, 01 de nov. 2006.
- RODRIGUES, Adolfo. As compras do Senado são fraudulentas. *ISTOÉ*. São Paulo: Três Editorial, n. 1930, 18 de out. 2006.
- VENDRAMINI, Luciana. Eu sou terrível. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 43, 01 de nov. 2006.